

A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA UNIVERSAL IMPRESSA EM PARIS

Com a colaboração especial dos primeiros escriptores e artistas de Portugal e do Brazil,
e dos mais notaveis artistas de França, Inglaterra, Allemanha e Italia.

DIRECTOR : MARIANO PINA

VOLUME I

ILLUSTRADO COM MAIS DE 1800 GRAVURAS

1884

PARIS

ESCRITORIOS : 6, RUE DE SAINT-PETERSBOURG, 6

AGENTE EM PORTUGAL

DAVID CORAZZI

42, RUA DA ATALAYA, 42

LISBOA

AGENTE NO BRAZIL

GAZETA DE NOTICIAS

70, RUA DO OUVIDOR, 70

RIO DE JANEIRO

INDICE DO TEXTO

Alcázar. — A justiça em Zaragoza, 4.
= O Simão, 26.

América. — A eleição presidencial dos Estados Unidos, 227.

Bibliografias. — Anónimo: A parábola de Jacob, 38.

= Hashkirsht: Um místico, 19.
= Bóscow: A defesa do laço, 83.
= Galtier: Giltier e a polónia, 71.
= Drué: Maudu, 240.
= Drué: Sobre a pedra, 116.
= Drué: Fim d'estação, 116.
= Drué: Tygo de belleza, 6.
= Girardin: Um desolado, 113.
= Gouffroy: Das um benedictino?, 182.
= Giacomelli: Naufrágio, 23.
= Giotto: Lucerna, 114.
= Jevoulet: Novembro, 115.
= Kermener: Um baptismo, 227.
= Lobbedin: A caixa do coração, 102.
= Lorenzelli: Na ausência do mestre, 158.
= Marie (Adrian): Um avarento, 214.
= Meissonnier: A parábola de cadete, 71.
= Morel: Quand meme!, 150.
= Montard: Primeiro verão, 124.
= Morel: Cantar arado, 195.
= Palmella (duquesa de): Diogenes, 25.
= Reinhardt: A tempestade, 83.
= Renouf: Um grande modelo, 118.
= Rousseau: Um gado, 6.
= Sousa Pinto: O hospede incomum, 70.
= Taitier: Opressão, 71.
= Van Boers: Mordido, 23.
= Viéze: Naute de verão, 135.
= Wager: Primeiro encontro, 6.
= Wager: Natividade, 240.

Bibliografia. — 63, 142, 158.

Biografias. — Armas (basco de), 70. — Copdu, 216. — Courbat, 158. — Daudet, 67. — Dumus (J.-B.), 4. — Dumus (filho), por A. G., 187. — Dumus (pai), 22. — Fereira d'Araújo, 23. — Galtier (princesa de), 3. — Gambetta (pai de), 4. — Goncourt (Edmond de), 23. — Goncourt (Jules de), 182. — Hans Mackay, 195. — Hugo, 113. — por Theophilus Braun, 214. — Hugues e esposa (Giovanni), 246. — Jussic, 155. — Kock, 134. — Lemos (Edmundo de), 211. — Meissonnier, 54. — Napoleão (Jerônimo), 86. — Napoleão (Victor), 86. — Orange (príncipe de), 80. — Pasteur, 50. — Pedro Luiz, por Mathilde d'Assis, 103. — Richépin, 56. — Sand (George), por Gil Vicente, 139. — Sant'Anna Neiry, 134. — Sousa Carqueja (Manuel de), 214. — Stanley, 227. — Tseng (marquês de), 48. — Wertz, 38.

Brazil. — Covação do Natimbo, 155.
= Indígenas do Amazonas, 227.
= Praia de Icauchy (Rio de Janeiro), 240.
= Vista do Amazonas, 191.

Caçador. — A companhia de Iol, 11.

China. — China contemporânea, 125, 131, 150.
= Negociante d'opium, 114.
= Tribunal em Shanghai, 116.

Chorona, por Mariano Pina. Em todos os números.

Coimbra. — Brevilo: O genio das parisienses, 124.
= Onda, O canoço, 90. — O dodo de prata, 26.
= Daudet: Memórias, 15. — Os pastinhos, desenhos de Jeanmari, 72.
= Drué: O sr. Conde, 118.
= Fialho d'Almeida: Sant'excelência o moleiro, 216.
= A doç, 250.
= Fialho (conde de): A caçula do malhadado da Cregia, ilustração de A. Ramalho, 150.
= Gil Vicente: O dancista do Papai, desenhos de S. Arco, 164.
= Goncourt: O amor, 198. — Pedra, 27.
= Guy de Maupassant: O Garafão, 231.
= Heine: Condessa Palatina, 14. — Cargo e alma, 67.
= Magalhães (Valentim de): Flores de pântano, 110.
= Miranda: A gata, 133.
= Quintelles: O lavoeiro Giesepach, 11. — O ultimo homem em ultima media, 107.
= Seguer (Jayme de): Um banho no Hamam, 168.

Crônicas. Eça de Queiroz: A Inglaterra e a França jogadas por um império, 31.
= Fialho d'Almeida: Guilherme d'Almeida, 110. — A Kermesse de Lisboa, 62.
= Pina (Manuel): A poesia portuguesa, estudo em branco, 170.
= Seguer (Jayme de): As Blasphemias, de Jean Richépin, 59.

France. — A casa onde nasceu e onde morreu Gambetta, 22.
= Desorden no céu (leito), 35.
= O cholera, 90, 135.
= O presidente da Republica em Mont-sous-Vaudrey, 102.
= Experiência de Pasteur sobre a hydrophobia, 74.
= A' beira mar, 115.
= Uma casa de Dieppe, ilustrada por Adrian Marie, 125.
= A estatueta de Gorge Sand, 132.

Geografia. — Uma execução, 86.
= O movimento unarchista, 87.

Inglaterra. — O corvo de maullá, 125.
= Christmas, 260.
= Londres: A catedral de S. Paulo, 38.

Italia. — 171.
= O cholera em Nápoles, 188.

Lisboa. — A exposição agrícola, 38.
= A Kermesse, 59.

Lisboa. — A estatueta do marquês de Sá da Bandeira, 18.
= O Bazar da Moura, 227.
= O Bazar de Portugal, 230.

Livros ilustrados. — A arte de ser rico, de Visão Hugo, 150.

Notas e referências. — 14, 16, 64, 160, 171, 116.

Paris. — OSK, 3.
= No dia do venenoso, sr.
= A camilha de Longchamps, 11.
= O jardim das Tulherias, 71.
= A festa do 14 de julho, 87.
= Uma tarde em Bougival, 87.
= O mercado das flores, 102.
= A estatueta de Diderot, 115.
= A Comedia Française, 171.
= Encontros sobre a direcção dos lápis, 187.
= Aves do inverno, 211.
= O túmulo de Michelet, 211.
= Corridos d'outono, 221.
= O cholera em Paris, 250.

Passagem. — 43, 80, 90, 118, 157, 143, 150, 175, 187, 207, 223, 237.

Poesias. — Almeida (Filante de): De Viagem, 170. — De Viagem, 114.
= Arséio (Joaquim de): Consoladora, 110. — Ignora Deus, 163.
= Copex: Serenidade (fac-simile do poeta), 250.
= Copex: As orquídeas, 118.
= Delgado (Luiz): Altar: Deus, 205. — Jesus no collo da Magalhães, 171. — A mão e a consciência, 219.
= Divier (Raul): Canções no arado, 74.
= Guimarães (Luiz): Paris, 14. — Leontes, 36. — Per amor stentat, 102. — Estatua, 134.
= Jurgens: Na praia, 147.
= Lami (Silvestre de): Noite de inverno, 250.
= Magalhães (Valentim de): Ressaca, 170. — Fátima, 195. — Infinito, 214.
= Murit (Luiz): Num altar, 187. — Latente, 230.
= Oliveira (Alberto de): Vida nova, 243.
= Seguer: Naufragio, 24. — Flutua, tradução de Banville, 230.
= Verde (Cesaris): Nôz, postume, 135.

Portugal. — Castello de Guadalupe, 115.
= Clara desenhada por uma lagar, 134.

Rússia. — Caminho do ferro sobre o Neva, 230.
= Conto velho e Czar, 115.
= Invasão em Moscow, 113.
= Uma casa de gelo sobre o Neva, 246.

Theatros. — 31, 47, 64, 79, 94, 111, 127, 150, 174, 206, 255.

Tentiva. — 23.
= A tomada da bandeira, 71.

INDICE DAS GRAVURAS

- 

A ILLUSTRACÃO

REVISTA QUINZENAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

RIO DE JANEIRO

GAZETA DE NOTÍCIAS, 79, R. da Direitoria.

Assigmentos

Anno (Centa) ☐ 100
Semestre ☐ 50
Anno (paga) ☐ 100
Avulso ☐ 10

PARIS. — Volume 1. — Numero 1.

PARIS 6 DE MAIO DE 1884

Director : MANZATO PINA, 7, rue de Paine.

LISBOA

Diário Oportuno, 12, R. da Atalaya.

Assigmentos

Anno ☐ 2.400
Semestre ☐ 1.200
Trimestre ☐ 600
Avulso ☐ 100



Dama celebre: A PRINCESA DE GALLES

SUMMARIO.

Taxro: Chronica, por Mariano Pina. — As nossas gravuras: A Princesa de Galles; O Salon de Paris; João-Baptista Duran; Typo de Belleza, quadro de Carolus Duran; O pao de Leon Gambetta; Um quadro de Philippe Rousseau; Primeiro encontro, quadro de Wagnez; A justiça em Zanguober. — O Lancetrio Griespach, por Quacalles. — Paris! por Luiz Guimarães Jr. — Norm e impressões. — A Mentiroza, por Alphonse Daudet.

GRAVURAS: A Princesa de Galles. — O Salon de Paris, por Adrien Marie. — João-Baptista Duran. — Typo de Belleza, por Carolus Duran. — O pao de Gambetta, por Adrien Marie. — Um quadro de Philippe Rousseau. — O primeiro encontro, por Jacques Wagnez. — A justiça em Zanguober.

CHRONICA

LEMBRO-ME hoje o que já me succedeu ha seis annos — ter de apresentar um novo jornal ao publico e ter de o dirigir. Recordações de seis annos! Como me sinto velho!

É verdade. Já lá vão seis annos... Foi em 1878, divagava eu pela decima oitava primavera, tempos de lyceu e tempos de bohemia, uma bohemia pacata alimentada a torradas nas mezas do *Martinho* — quando um grupo amigo de rapazes me pede para tomar a direcção d'um quinzenario de oito paginas, papel barato e impressão economica, que tinha em vista ser lido pelos redactores e por meia duzia d'amigos.

As vezes um dos amigos tinha que sahir de Lisboa, partir em viagem para a provincia; hoje aqui, amanhã acolá. Faltava portanto um leitor — e aqui andavamos nós a descoberta d'uma alma caridosa que quizesse lançar seu olhar condescendente sobre as columnas da nossa folha...

Chamava-se o jornal *Esboços*. Demo-nos o luxo de apresentar um programma, e asseverámos aos nossos seis leitores que traziamos ideias novas e que queriamos fazer justiça. Tíhamos a dura convicção de que havia muita indignidade a castigar!

Quando fallavamos em Liberdade, escreviamos sempre respectuosamente o seu nome com um L maiusculo. Muito attenciosos nós eramos! E ao alludir a Reação, o nosso desdem, o verde sarcasmo do nosso labio descabido, de nójo, chegava até — ó temeridade da juventude! — a escrever a maldicta palavra com r pequeno. Não sei se o sr. padre Amado soube do desdem — o que é um facto é que elle nos pagou o odio na mesma moeda, dando n'esse anno dois rna dois dos nossos...

Eramos temíveis! Todos os quinze dias procuravamos causar calafrios aos seis leitores. E causavamos! Escolhiamos os assumptos os mais palpitantes ou os mais tenebrosos — o adultério, o parricídio, o infanticídio, a escravidão, a ignorancia em que os povos jazem, o espirito das trevas, etc., etc.

Lembro-me que uma vez causou assombro uma chronica minha sobre os suicidios, chronica escripta n'um momento d'indignação ao ler a noticia de que uma criada da rua da Bitesga, illudida em seus amores por um barbaças da municipal, chegára ao doloroso extremo de se deitar d'um primeiro andar para um saquão — fracturando uma perna. Os jornaes informaram que a desgraçada recebera os devidos curativos no banco do hospital de S. José. — Pois até me offereceram n'essa noite, no *Martinho*, um caffè e um copo de genebra. Coisa rica, a minha chronica!

Em litteratura os *Esboços* eram d'uma irreverencia que ás vezes chegava á blasphemia; e rapazotes como eramos, mas levados de mil demonios, faziamos das nossas columnas um bello entrudo onde era enfiada a Musa pacata e inoffensiva do sr. Flôrencio Ferreira, e outras Musas sertanejas.

Eramos do *Martinho*, o que equivale a dizer que odiavamos profundamente o *Chiado*. Mas com que odio!... Quando algum de nós tinha de subir a rua nova do Oitmo, afastavamos-nos indignados para o pasagio do lado do Margoteau, para não termos de ouvir os rumores que vinham d'um antro infame que José de Figueiredo possuía, expressamente, para nos acender as iras.

O *Chiado* acabava de nos enraivecer. E o nosso olhar odiento e cruel, assombrado por um chapéo de côco, cahia obliquo sobre a litteratura chic, sobre os manobros apregoados nos jornaes diarios, ostentando á porta da *Havaneza* a gloria das cabeças que o publico começava a apontar a dædo. E achavamos razão a D. Pedro, o *Crú*, mordendo os corações dos assassinos de D. Ignez!...

Filho d'Almeida, que por esses tempos fazia versos:

Quando nós eramos creanças
Pequenos bábys risinhos

dedicados a uma poetiza de Leiria — era quem no *Martinho*, com um ardor que só se encontra igual entre gregos e romanos, accendia os odios contra o *Chiado* e contra o antro do Figueiredo. A litteratura dos jornaes do bairro-alto era todas as noites esfaqueada ás mesas do supracitado caffè. E Jayme Victor era considerado como um traidor que nos ia vender a *Havaneza*, indo denunciar os nossos nomes e o feio dos nossos narizes aos nossos inimigos implacaveis...

Bons tempos que esses eram!

Mais tarde entravamos no antro da rua Nova do Camo e no antro da *Havaneza*, e os inimigos terríveis eram uns bellos rapazes cheios de talento e de vida, a quem hoje nos ligam as mais estreitas relações d'amizade.

Nem eu já sei como é que os *Esboços* de desapareceram. O que sei é que os nossos passaram, e que seis annos mais tarde me

vejo a dirigir um outro jornal em Paris, mas jornal que se destina a um vasto publico.

A tarefa é ardua. Dá-nos, porém, coragem a ideia de que a *Illustração* é uma necessidade e de que o nosso fim é util.

Jornaes illustrados têm-os havido, ha-os ainda, e todos os dias se criam outros novos. Mas em Portugal e Brazil os processos de gravura não se acham ainda a par do que se faz especialmente em Paris e Londres, e o jornal, portanto, para ser bem feito, para ser em tudo igual aos grandes jornaes como o *Monde Illustré*, a *Illustration*, o *Graphic* ou a *Illustrated London News*, tem de ser feito no centro da Europa. Faltam os elementos em Lisboa e faltam os elementos no Rio de Janeiro.

Uma empresa que quizesse levar a cabo a nossa ideia, n'uma d'estas cidades, teria de luctar com as maiores difficuldades, teria de arriscar enormes capitães, e o jornal peccaria sempre pelo acabamento artistico e pela falta de actualidade. Foram estas razões que nos levaram a imprimir o nosso jornal em Paris, fazendo-o em tudo igual aos jornaes francezes, os que mais agradam ao publico a que nos dirigimos.

Imprimindo-o em Paris — podemos acompanhar com gravuras excellentes todos os grandes acontecimentos que se passarem pelo mundo, dando sempre a maior actualidade a epusas e a individuos de Portugal e do Brazil, ao mesmo tempo que apresentamos nas paginas da *Illustração* as reproduções das melhores obras d'arte que apparecerem nos mercados da Europa. Imprimindo-o em Paris — podemos acompanhar passo a passo a litteratura franceza, aquella que nos ensina e nos guia, a nós portuguezes e brasileiros, e dar aos nossos leitores a ultima novidade palpitante.

A falta d'uma verdadeira *Illustração* para os dois paizes que falam a mesma lingua e têm os mesmos habitos e o mesmo paladar, era cousa bem sensivel. A *Illustração* nos paizes onde se lê, é o jornal de luxo, o jornal agradável, o jornal artistico e mundano, que se folheia com prazer, que se lê com interesse, que se lê com curiosidade, que se collecciona, que se archiva, e que forma este volume sympathico e sempre atrahente que existe em todas as salas e em todos os gabinetes de trabalho.

A França possui o *Monde Illustré* e a *Illustration*. A Inglaterra o *Graphic* e a *Illustrated London News*. A Alemanha a *Illustrirte Zeitung*. A Italia a *Illustrazione Italiana*. E Portugal e Brazil ainda não possuem nenhum jornal n'este genero, dois paizes onde o jornalismo se acha tão desenvolvido, e onde o publico para satisfazer os seus desejos tem de comprar por preços elevados as illustrações francezas ou inglezas!

Realizaremos dignamente a nossa ideia! Não nos faltam elementos e não nos falta coragem. Se precisarmos alcançar as sympathias do publico. Que elle nos auxilie — e não haverá descontentes.

Quando a programma official, temos a honra de lhes annunciar que não temos programma — para evitar embarços futuros!

Em Portugal e Brazil o uso e o abuso do programma é mais terrível que o uso do opio na China e o uso da morfina entre as damas e os damas dos Estados-Unidos. Homens e mulheres tem havido que annunciando um dia ao publico que, no tocante a cores, só veneram o azul, no dia em que também querem venerar o rosso — ou ficam desacreditados ou morrem para a patria. E a Historia a berrar-lhes aos ouvidos:

— Paizéis! Ainda ha cinco annos não havia nada melhor do que o azul; era azul para aqui, azul para acolá, e hoje apparecemos pintados de rosso! Saca de marotos!

Fugindo á tentação do estilo metaphorico que ás vezes me deixa mais enredado que uma mosca na teia d'uma aranha, sem o leitor perceber o que eu digo e sem eu perceber o que quero dizer ao leitor! — devo-lhes declarar que aquillo que se chama um programma é a molestia mais perniciosa que pode atacar um jornal, um jornalista, um deputado ou um partido, pela simples razão de que um programma está sujeito á lei fatal que condemna todos os panos a chegarem ao fio, isto é, a usarem-se!

A maioria dos annos da nossa especie não quer querermos semelhante cousa. Imaginam os programmas uma cousa divina e inviolavel, sem poderem soffrer a minima alteração até á consummação dos seculos... São tão inviolaveis como os nossos sapatos, hoje — uma maravilha! — e d'aqui a seis meses — uma vergonha!...

Um programma é um *paletot* que um individuo veste para trazer abadaças as suas ideias — e como todos os *paletots*, o programma tende naturalmente a safar-se! Passado certo tempo precisa-se d'outro novo, como se precisa de um novo casaco.

As ideias que hoje se nos affiguram magnificas são amanhã horrores. E os homens politicos dos nossos dois paizes não se veriam hoje em tamanhas difficuldades e em tão ridiculas posições, se não tivessem praticado a usança de apresentar aos seus compatriotas, em 1830, um programma que hoje é ridiculo, porque passou de moda, mas que a multidão exige que elles tragam agarrilhado ao pé, como forçados — por que foi essa a primeira bandeira que elles arvoraram.

As conveniencias modernas, as revoluções, os novos progressos e as novas instituições — exigem que elles substituam essa desbotada e velha bandeira por uma outra. Mas a multidão n'este ponto é cruel. Quem pertence aos *antigos* que outrora eram famosos mas que hoje para nada servem, não pode passar para os *brancos* que são a vida nova, gloriosa e promettedora — sem se arriscar aos apupos e á treça réles dos *significantes* e dos *imbecis*. E o tal programma, a tal primeira bandeira não é mais do que a mortalha que o homem de talento para si talhou, com as suas próprias mãos...

Ao diabo os programmas!

A humilhidade, ás vezes, é deveras cruel e injusta para merecer a confissão do que se desajta hoje fazer, e do que se tentava fazer amanhã.

As cousas n'esta bola que habitamos desandam tão rapidamente, e as ideias mudam-se e transformam-se com tanta facilidade, que o melhor e o mais proveitoso — é produzir obras e não fazer promessas!

São estas as minhas ideias, e são estas também as ideias do jornal que hoje começo a dirigir.

Mas agora reparo. Não sei isto mesmo um verdadeiro programma?...

Talvez. Mas de todos os programmas o melhor — sem duvida.

MARIANO PIZA.

AVISO

Para que os nossos leitores possam julgar do quanto desejamos dar a maior actualidade e o maior interesse á Illustração, annunciámos desde já, para um dos proximos numeros, a collaboração especial do illustre romancista portuguez

ECRA DE QUEIROZ

um dos escriptores que mais sympathias possui em Portugal e Brazil. Isto no que diz respeito á parte litteraria.

Quanto á parte artistica vamos apresentar-mos brevemente a reprodução d'alguns dos quadros dos

PINTORES PORTUGUEZES E BRAZILEIROS

que expõem este anno no Salon de Paris, gravuras da maxima actualidade, e que os nossos leitores não de apreciar muitissimo, por que lhes proporcionamos a occasião de admirar os trabalhos dos seus compatriotas pensionados em Paris.

Em breve commecçaremos a dar gravuras de Portugal, e n'um dos proximos numeros publicaremos o retrato d'um distinto

JORNALISTA BRAZILEIRO

de quem recebemos ha poucos dias um livro acerca da politica no Imperio, livro que a critica recebeu com grandes elogios.

AS NOSSAS GRAVURAS

A PRINCEZA DE GALLES

Está um magnifico retrato de S. A. a Princesa de Galles — retrato executado por um distinto gravador inglez — inauguramos hoje a nossa galeria de Damas celebres.

A nossa ideia é offerecer as leituras da illustração um sympathico e notavel mosaico de celebridades femininas — das damas de mais elevada posição social. Parece-nos que não erra-

mos commecçando pela esposa do principe de Galles, o herdeiro do com de Inglaterra.

6) nome da illustre princeza é pronunciado com o maior respeito em todas as cortes da Europa, e ipontaneamente como modelo de distincção, de elegancia, de intelligencia e de bondade.

No alto mundanismo deste século, o seu nome é o que mais brilha pelas festas deslumbrantes e originaes a que anda ligado, na sua maioria festas de caridade, a que tem concorrido toda a aristocracia europea.

A Grã-Bretanha considerava como a mais bella expressão da elegancia ingleza. Nos salões que atravessa, a sua figura destaca-se nobremente como um typo ideal de magestade que tivesse descido d'uma tela de mestre. E poucas cabeças femininas tem sabido ostentar com tanta distincção e tanta naturalidade um diadema real.

A filha de Christino IX, rei de Dinamarca, é, além de princeza de Galles, duquesa de Saxe, duquesa de Cornwall e de Rothesay, condessa de Chester, condessa de Carriak e de Dublin, baronesa de Renfrew. É a futura rainha de Inglaterra e a futura imperatriz das Indias.

Mas não é sómente por estes titulos que o povo inglez tanto a respeita e tanto a ama. Amam-na porque a sua alma é caritativa e boa; respeitam-na porque a princeza de Galles é a melhor das esposas e a melhor das mães...

O SALON DE PARIS

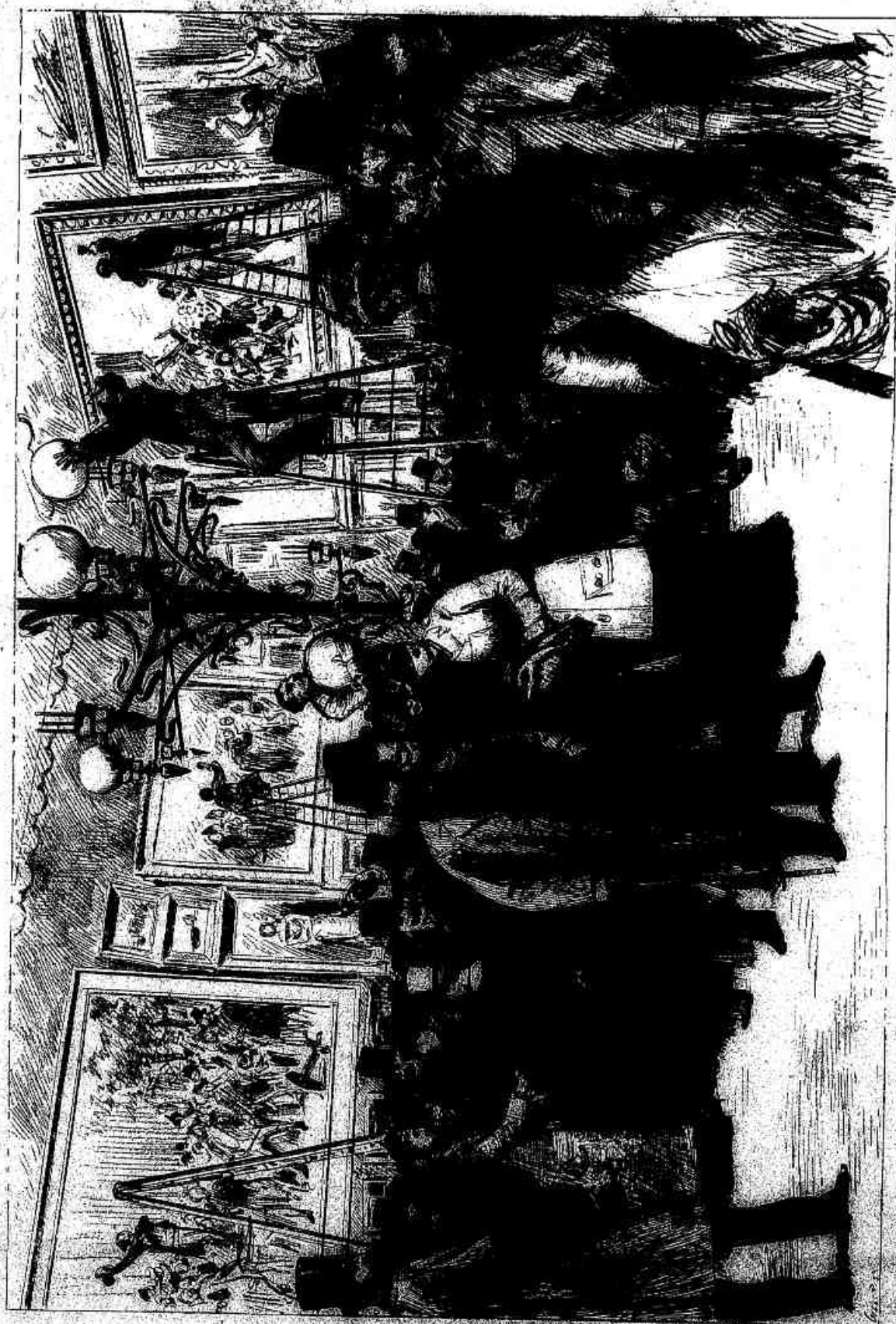
A exposição annual de bellas-artes, mais conhecida pelo nome de *Salon*, abriu ha quatro dias e nós offerecemos já hoje aos nossos leitores uma pagina representando uma das salas da grande exposição, desenhada pelo distinto artista Adrien Marie, o collaborador estimado e applaudido dos jornaes illustrados de Paris e de Londres.

A importancia artistica do *Salon* vac augmentando d'um modo consideravel de anno para anno. Antigamente os quadros enviados contavam-se por dezenas — hoje contam-se por milhares. Antigamente o *Salon* era apenas um acontecimento para artistas — hoje é um acontecimento verdadeiramente parisiense; e os viajantes que antigamente vinham a Paris, nos primeiras dias de junho, para assistir ás grandes corridas de Longchamps, ao dia do *Grand Prix*, adiantam hoje a sua viagem chegando nos primeiras dias de maio para verem o *Salon*, onde está representada a arte de todos os paizes.

Portugal e Brazil tem sido por varios annos brilhantemente representados e ainda ultimamente vimos no *Salon* trabalhos bem notaveis dos portuguezes: Arthur Loureiro, Columbano Bordallo Pinheiro, Sousa-Pinto, Ramalho, Greno, Rato, Condeixa, e dos brazileiros: Amoldo, Almeida, e ainda o anno passado, Victor Meirelles.

Este anno também expõem trabalhos alguns artistas dos dois paizes, e escusado será dizer aos nossos leitores que em breve vão apparecer nas paginas da *Illustração* as reproduções dos seus quadros, para que o publico de Portugal e do Brazil veja como os seus compatriotas também illustram a arte, n'uma exposição tão importante como esta é.

A nossa gravura representa uma das salas do vasto Palácio d'Inthous, nos Campos Eliseos, no proprio dia da *exposição*, dia em que os pintores vão elles proprios dar a vida aos seus quadros, dia em que elles recebem as felicitações de amigos e de admiradores. O *Salon* se abre ao publico no dia 1 de maio.



O - SALON - DE PARIS



O ILUSTRE CRIMOSO J.-H. DUMAS. — Folleto em Cannes no dia 31 de Abril.

Adrien Marie trouxe com a maior felicidade este assumpto, e os que já tiveram o prazer de assistir a um *vernissage* podem verificar quanto o nosso desenhador foi exacto nos mais pequenos detalhes. Foi o grande salão de entrada que o artista reproduziu, o salão por onde passa todo o mundo parisiense: o mundo dos artistas, dos diplomatas, dos politicos, dos elegantes, onde todos se encontram e se cumprimentam. O publico agglomera-se ao longo das paredes para admirar as grandes novidades, os quadros dos artistas que estão na moda; os pintores, em cima das escadas, acabam de envernizar as suas telas — e aquelles dos nossos leitores que já tenham deparado em Paris com as celebridades da epocha, hão-de reconhecer na nossa gravura algumas d'ellas. Á esquerda, a dama vestida de preto que aperta a mão a uma outra senhora é a grande actriz Sarah Bernhardt. O individuo que está próximo, também vestido de preto, é o celebre pintor Gerome, o pintor dos assumptos do Oriente. E á direita, a ultima cabeça que espreita, os bigodes levantados, a barba talhada em duas pontas, é Carolus Duran, o illustre pintor de quem damos nas nossas paginas do centro o *Typo de Belleza*.

No 2.º numero da *Illustração* daremos uma espirotoosa pagina de Mars, o desenhador das elegancias parisienses, onde este artista encarna o *Salon* por um outro lado não menos curioso, nem menos pittoresco.

J.-B. DUMAS

Não foi simplesmente a França que perdeu um filho notavel, foi também a sciencia que perdeu com a morte d'este homem um dos seus apostolos, dos mais activos e dos mais celebres. J.-B. Dumas era o chimico illustre cujo fallecimento todo o mundo scientifico hoje deplora, e que passou toda a sua vida entre as quatro paredes do seu laboratorio, para gloria do seu paiz e bem da humanidade.

João-Baptista Dumas nasceu em Alais, departamento do Gard, em 14 de julho de 1800. Depois de ter entrado em Paris, em 1823, como repetidor do curso de chimica na Escola Polytechnica, rapidamente conquistou uma posição no mundo scientifico, apresentando theorias novas que tiveram a honra de ser combatidas pelo celebre Berzelius.

A sciencia moderna deve-lhe trabalhos de primeira ordem. Professor erudito, escriptor elegante, publicou entre outras obras: um *Tratado de chimica applicada ás artes*, *Lição sobre a philosophia chimica*, *Estudo sobre a estatistica chimica dos seres organicos*, etc.

Em 1832, a Academia das sciencias de Paris, fazendo justiça ás suas obras, chamou-o para o seu gremio, e em 1868 nomeava-o seu secretario perpetuo. E em 17 de dezembro de 1875 foi eleito membro da Academia franceza, como successor de Guizot.

Em 1848, no tempo da Republica, teve assento na Assembleia legislativa; em seguida era nomeado ministro da agricultura e do commercio, e depois senador e vice-presidente do conselho superior de instrucção publica. Em 14 d'agosto de 1863 J.-B. Dumas foi nomeado grã-cruz da Legião d'Honra.

Um jornalista notavel, redactor do *Figaro*, escrevia d'elle e seguinte, no dia immediato ao do seu enterro:

« Todo o bom cidadão de França, lamenta hoje a sua morte... »

« Ha-de ficar como um dos trez homens que representam com mais gloria a sciencia — que digo eu a França — no estrangeiro. É uma das trez côres da grande bandeira pacifica: Dumas — Lesseps — Pasteur. »

J.-B. Dumas morreu em Cannes no dia 11 d'abril ultimo e os seus funeraes, que se realisaram em Paris, foram verdadeiramente principescos.

O retrato que hoje damos do illustre chimico, retrato que deve despertar interesse entre os homens de sciencia de Portugal e do Brazil, foi executado pelo nosso gravador Ch. Baude, a quem estão confiados varios trabalhos artisticos da *Illustração*.

TYPO DE BELLEZA

CAROLUS Duran não é um extranho para Portugal. Todos se lembram da estada do grande artista em Lisboa, quando foi a esta cidade, convidado pela Casa Real, para pintar o retrato de S. M. a sr.ª D. Maria Pia. Por essa occasião o pintor francez deixou trez obras-primas em Portugal — aquelle retrato, o retrato da sr.ª Duqueza de Palmella, uma das damas mais illustres da aristocracia portugueza, e o retrato de sua filha — dos trez trabalhos, o mais bello, o mais soberbo, que teria em Paris um successo enorme, se por acaso aqui fosse exposto.

Fol portanto á obra d'um artista conhecido que fomos procurar o quadro que hoje offerecemos aos nossos leitores. Qualquer descripção, ao lado de tão esplendida gravura, seria ridicula. O pincel que desenhou e produziu esta cabeça extraordinariamente bella, deve ter alguma cousa das notas geniaes dos grandes mestres, e o artista que executa aquelle *Typo de belleza* possui uma organização superior.

A reputação de Carolus Duran em Paris é das primeiras do mundo artistico. A sua maior celebridade vem-lhe dos retratos que pinta, sobretudo retratos de senhoras, e que elle fez pagar por 6 e 8 contos de reis fortes. Os millonarios, ou antes, as millonarias que habitam Paris, só ambicionam ser reproduzidas na tela por Carolus Duran — e além dos 6 ou 8 contos de reis a retratada ainda fica muito grata da honra que o artista lhe fez mandando-a posar na sua frente. Os outros pintores de retratos também notaveis e que Paris mais admira são: Bonnat, Bastien-Lepage, Meissonnier e Cabanel. Mas Carolus Duran e Bonnat são os reis da epocha. Carolus Duran é não só um grande pintor, como também um grande ator, e em Paris merece tanto respeito o seu pincel como o seu fôrrete.

Foi Carolus Duran que indo um dia ao atelier de Columbano Bordallo Pinheiro (quando este original e disimado pintor habitava Paris) para ver o seu primeiro quadro, tanta sympathia lhe inspirou o moço artista, que o apresentou ao jury do *Salon* como seu discipulo, e foi n'esta qualidade que o nome de Columbano appareceu pela primeira vez no catalogo da Exposição de bellas-artes.

Não podemos deixar de mencionar o nome de H. Ulrich, um dos primeiros gravadores da Europa, que executou a gravura que hoje damos, transportando religiosamente para o papel o quadro do eminente artista.

Não nos demoramos no elogio dos dois. Que o publico os aprecie.

O PAE DE GAMBETTA

BALISOU-ER no dia 14 d'abril ultimo, em Cahors, a inauguração do monumento a Leon Gambetta, o illustre tribuno francez, fallecido em 31 de dezembro de 1882.

Hoje Cahors possui a estatua do mais illustre dos seus filhos, a quem a moderna França tanto deve, — e d'essa familia outrora tão modesta e tão ignorada d'onde sahio Gambetta, só hoje resta o pae e a irmã do grande patriota francez.

É o retrato d'esse bom velho, retrato que devemos á amabilidade do nosso collaborador Adrien Marie, que hoje damos na *Illustração*; d'esse bom velho que em menos de trez annos perdeu a esposa e o filho que foi a gloria do seu nome; d'esse bom velho que o governo francez e a população de Cahors tanto victoriou no dia da inauguração da estatua. O pae de Gambetta conta 74 annos.

UM QUADRO DE PHILIPPE ROUSSEAU

UM quadro da escola franceza tendo todo o encanto e toda a originalidade d'um quadrinho da escola flamenga — d'estas deliciosas obras-primas que se encontram pelos ricos museus de Bruxellas e de Amsterdam.

Philippe Rousseau tem alguma cousa dos artistas dos paizes baixos. Para elle não ha o que se chama o *assumpio* isto é, o acto de preparar os modelos, de bem os escolher, de os agrupar theatralmente, de os collocar em boa luz. Tudo quanto se tem diante da vista é um bello quadro — para os que são realmente artistas. É d'este modo que pensa Rousseau, e a verdade das suas opinões é que encontrou diante de si uma meza cheia de preparativos para a *confiture* que a dona da casa vae fazer com todo o carinho d'uma excellente e boa *ménagère*, e isso lhe bastou para produzir um bello quadro, alegre — e appetitoso!

O PRIMEIRO ENCONTRO

DELICIOSO quadrinho de Wagrez que hoje damos nas paginas da *Illustração*, despertou verdadeiro interesse no *Salon* de 1883, onde foi exposto, especialmente entre o publico feminino.

N'uma decoração encantadora representando a epocha brilhante da renascença italiana, o artista collocou esta graciosa scena d'amor.

É adoravel esta *patricia* que desce os largos degraus de marmore com uma indifferença fingida, enquanto arde em desejos de se voltar para encontrar de novo o vivo olhar do elegante cavalleiro que faz de desdenhoso.

Os detalhes d'este bonito *idyllio* são tratados com um cuidado escrupuloso, e a vista recreia-se n'esta composição delicada e sympathica, cujo encanto faz esquecer completamente um tanto de convenção artistica que ha n'este quadro.

A JUSTICA EM ZANGUEBAR

FORAM os missionarios francezes da congregação do Espirito Santo, que primeiro deram a Europa noticia da existencia d'uma tribu de antropophagos de Zanguebar, com quem os missionarios entrem relações quotidianas.



TYPO DE BELLEZA

(Quinto de Corolus, Decano.)

Esta tribo é situada no Oualou, região fronteira ao Zanzibar, limitada ao norte pelo rio Wami e ao sul pelo rio Kingamia.

O paiz achava-se dividido em quatro districtos governados por um *grão lama* a que elles dão o famoso titulo de *mwené*.

Quando um *mwené* morre, abre-se-lhe uma grande cova e enteram com elle varias mulheres da sua tribo, para que elles sirvam de criadas no outro mundo! Depois organisam-se doidas danças, fazem-se os mais sardapantes e festins, bebendo-se o bello do sangue humano por craneos que servem de taças, e covando-se na carne dos seus semelhantes que tiveram a infeliz ideia de lhes caber nas mãos! Iguaes festanças se fazem quando celebram as eleições d'um novo *mwené*.

Mas como estes figurees não tem o mau gosto de se devotar entre si, e como elles são pretaes victimas humanas para as suas cerimoniaes nacionaes e religiosas, organisam montarias em regra.

A carne dos seus vizinhos Wakami sabe-lhes melhor que nenhuma outra. Por isso em diferentes epochas do anno vão aos centos pôr-se de emboscada nas suas fronteiras. Possuem-se nos caminhos e a cada Wakami que passa cem-lhe em cima, agarram-o, amarram-o, até possuirem o numero exigido de prisioneiros de que precisam para os seus banquetes.

Fôra d'isto, são d'uma grande severidade no que respeita a cousas de moral. Castigam rigorosamente o mais pequenino ataque á fidelidade conjugal. O homicidio e o roubo são castigados com a pena do morte.

Contam os missionarios que na ultima viagem que fizeram, acharam n'um caminho, a um kilometro d'uma aldeia, dois cadaveres suspensos pelos pés, em ramos d'arvores, a quatro metros acima do solo, mãos atadas atrás das costas e secos como bacalhãos. Em outros ramos estavam pendurados os fatos dos criminosos. Tomando informações vieram a saber que um dos supplicados fôra preso em flagrante delicto de roubo, que o tinham ali dependurado e depois o mataram a tiros de espingarda. O outro assassinara um dos seus companheiros, que tivera a fraqueza de lhe recusar uma uza d'uma ave. Este criminoso foi dependurado ao lado do primeiro, e as mulheres da tribo entretiveram-se a parti-lhe a cabeça á pedrada.

Santos povos!

O LANCEIRO GRIESPACH

QUARENTA mil homems : era infantaria, cavallaria, artilheria... O Imperador e o Principe imperial estão ao seu lado. Em torno d'elles paffa, brilha, resplandece o estado-maior dos grandes dias, dos dias sollemnes, ao qual se juntou um completo sortimento de estrangeiros da maior distincção.

De repente, a Imperatriz pára, admirada, estupefacta. O seu olhar vivo e dextro distinguio um lanceiro azul e encarnado destoando enormemente nas fileiras dos seus dragões verdes e brancos.

— Porque é que aquelle lanceiro se encorporou no meu regimento? pergunta a soberana ao soberano.

— Não tinha reparado. — Marechal?

O marechal ministro da guerra approxima-se.

— Que faz aquelle lanceiro no meio dos dragões da Imperatriz?

— Vou-me informar, Sire.

É o nobre ministro da guerra, deixando o estado-maior, trota, trota, trota, até que alcança o marechal commandando as guardas imperiaes.

Meu caro marechal, o imperador manda-me perguntar-lhe o que faz aquelle lanceiro que o senhor está vendo lá ao longe, nas fileiras dos dragões da Imperatriz.

— Meu caro ministro, confesso-lhe que não estou menos surprehendido que Sua Magestade. Vou tomar informações e dou-lhe a resposta promptamente.

É o marechal que commanda as guardas imperiaes galopando... galopando... galopando... até que encontra o general de divisão commandante em chefe da cavallaria das guardas.

— Com mil bombas! general, queira explicar-me o que faz aquelle estúpido d'aquelle lanceiro no meio dos dragões da Imperatriz! O Imperador está bem contente, não haja duvida!

— Com mil raios!... marechal!... ainda o não tinha visto. Vou saber o que tudo isto significa.

É o general de divisão commandante em chefe da cavallaria das guardas começa a trotar : badabum!... badabum!... badabum!... até que encontra o general de brigada, chefe do estado-maior general. Chega ao pé d'este, fatigadissimo, quasi sem poder articular palavra.

— Meu caro. O Impe... pe... rador não com... prehende, nem... nem eu tão pouco, o que... faz aquelle la... lanceiro no meio dos dra... gões!...

— O facto é verdadeiramente extranho e assombroso. Vou-lhe responder n'um instante, diz o general que parte ao trote, ao trote, em busca do coronel de dragões.

Mas o regimento pôz-se em marcha : taratá, taratá, taratá! arrebatado pela desfilada.

O general de brigada, chefe do estado-maior general, começa a galopar, hop! hop! hop! durante quinze minutos. Chega todo esbaforido junto do coronel.

— Coronel!... coro... nel! O Imperador manda perguntar como é que o senhor tem um lanceiro nas suas fileiras de dragões!

— Não posso deixar agora o commando do regimento para me informar de semelhante cousa, responde o coronel que vae galopando, hop! hop! hop! de espada em punho. Mas queira dirigir-se ao chefe do segundo esquadrão.

E o regimento continúa a desfilar : badabum! badabum! badabum!

O general de brigada, chefe do estado-maior general, faz signal a um ajudante de campo para que lhe venha faltar. O ajudante aproxima-se, a toda a brida : plaf!... plaf!... plaf!...

— Vá perguntar ao commandante do segundo esquadrão dos dragões da Imperatriz, da parte de Suas Magestades, por que razão é que está um lanceiro mettido nas fileiras.

O ajudante de campo parte a toda a brida, n'um galope desfeito : plaf!... plaf!... plaf!...

— Meu commandante, Suas Magestades querem saber o que faz aquelle lanceiro nas fileiras do seu regimento.

— O quê! Nós temos um lanceiro nas nossas fileiras?... O senhor está bem certo do que me está a dizer?... Mas agora reparo... É verdade; por que diabo temos nós um lanceiro nas nossas fileiras? Ora está! Eu não posso agora abandonar o meu com-

mando, mas o senhor tem todas as indicações que desejo se se dirigir ao capitão Grindemil!

É o official d'estado-maior torna a partir, a toda a brida, n'um galope atado mais desfeito : badabum! badabum! badabum!

— Capitão!... por ordem do Imperador, por que diabo tem um lanceiro nas suas fileiras?

— Isso deve ser disparate do tenente Clodomiro. Esse animal não faz senão d'estas! Vou saber toda a verdade. Confesso-lhe que me parece tão semelhante ideia de metter um lanceiro nas nossas fileiras. Mas que quer... se eu fosse o commandante as coisas haviam de marchar d'outro modo!

O regimento desfiliava sempre.

E o capitão Grindemil parte n'um grande galope : trimalabum! trimalabum! trimalabum!

— Alferes Cascapilo, onde está o tenente Clodomiro?

— Meu capitão, o major chama-o.

Tomo o seu lugar nas fileiras. Vai dizer-lhe immediatamente que Suas Magestades estão muito zangados por terem um lanceiro nas suas fileiras. Pergunte-lhe a causa de semelhante disparate.

O regimento desfiliava sempre.

E o alferes Cascapilo afastou-se a toda a brida... clim!... clim!... clim!... a sua grande espada batendo na panga do cavallo e na barriga da sua propria perna.

Decorrem cinco minutos. O alferes Cascapilo não vem. Mas, emfim, uma nuvem de poeira aproxima-se, da nuvem de poeira sae um militar banhado em suor — é o alferes Cascapilo.

— Capitão!... O tenente Clodomiro respondeu-me : — Ora essa! Eu sei lá d'isso! É o maldito do brigadeiro Kietanso que é o culpado. Fuga ao capitão que espere um pouco, que eu vou tomar informações.

O regimento desfiliava sempre, e enquanto o official d'estado-maior esperava, o alferes Cascapilo causava horríveis impaciencias ao capitão Grindemil.

Masahi vem o tenente Clodomiro em vertiginosa corrida : clap!... clap!... clap!...

O alferes Cascapilo galopa ao seu encontro.

— Então tenente?

— Estamos com a macaca, meu capitão! O brigadeiro Kietanso está nas ambulancias.

— Com mil demonios!... Estamos bem arranjados!

E o regimento desfiliava... filava... filava sempre.

Então o alferes Cascapilo, que era tão fino nos conselhos quanto bravo nos campos de batalha, exclamou de repente, tocado por inspiração divina :

— E se nós nos dirigissemos ao lanceiro?

— Ah! está uma ideia que não é tãõla, comquanto a disciplina se opponha; mas... trata-se de obdecer ao Imperador. Vou ter com o capitão Grindemil que parece estar impaciente. E o senhor, alferes Cascapilo, não se esqueça que tem de responder a duas cabeças coroadas! A coisa prompta venha ter comigo.

Durante este tempo, o regimento desfiliava... filava... filava mais do que nunca.

O alferes Cascapilo tomou a parte em grandissimo galope : tarabum! tarabum! tarabum!... Ve o lanceiro e entregue-lhe.

— Eh! lanceiro!... Sim, você, o lá de baixo! Como se chama?

— Griespach, de Colmar, meu official.

— Por que razão não está em uniforme?

— A minha farda não estava prompta, meu official.

— Pois dissêsse-o logo! Ha-de ter dois dias de calaboiço!

E o alferes Gascapilo foi ter, ao galope, com o tenente Clodomiro.

— Meu tenente, pode participar ao Imperador que o lanceiro me respondeu que a sua farda não estava prompta.

— Que novidade!... D'isso já eu desconfiava. Pois ha-de ter dez dias de calaboiço.

O tenente Clodomiro vai ter com o capitão Grindemil.

— Meu capitão, pode participar a Suas Magestades que o lanceiro que infelizmente viram no corpo de dragões é um novo alistado,



O PAE DO GRANDE TRIBUNO LEON GAMBETTA

e ainda não recebeu o seu fardamento.

— Por essa esperava eu!... O paife ha-de ter um mez de calaboiço.

E o capitão Grindemil partio a todo o galope, em busca do commandante do segundo esquadro.

Será necessario acrescentar que em todo este tempo o regimento desfilava... filava... filava sempre?

— Então! Soube alguma cousa, capitão Grindemil?

— Meu commandante, parece que o lanceiro que tanto desagradou ao Imperador, ha poucos dias incorporado no nosso regimento, ainda não recebeu a sua farda.

— O senhor toma-me por um imbecil? Não está má! Vem-me dizer uma cousa que eu estou farto de saber! Ora ferre-me com o lanceiro no calaboiço edê-lhe seis semanas de detenção.



UM QUADRO DE PHILIPPE ROUSSEAU



PRIMEIRO ENCONTRO. — Quadro de Jacques Wegert, gravura de Encke

E o commandante do segundo esquadrão, pela sua vez, parte a toda a brida. Alcançou em pouco tempo o coronel, á frente do regimento que continúa a desfilar.

— Que deseja?

— Meu coronel, o lanceiro...

— E então?

— O lanceiro que quiz deshonrar e envergonhar o nosso bravo regimento!

— Depois?

— O soldado de cavallaria Griespach, não foi obrigado a pouco, e que ainda não recebeu a farda por que não estava prompta.

— E gastou todo este tempo para o adormecer? Não o felicito pela nova! Mande pôr a farda ao lanceiro Griespach.

O official do estado-maior aproxima-se a todo o galope!

— Então, coronel?

— Não posso deixar a frente do meu regimento enquanto estamos desfilar; mas pode annunciar ao Imperador que justiça será feita. Se o lanceiro Griespach não está em uniforme, é por que não lhe deram a farda a tempo. Queira transmittir a Suas Magestades a expressão do meu maior sentimento por tão lastimoso facto.

— Córro, coronel!

E enquanto o regimento continúa a desfilar, o ajudante de campo, a toda a brida, aproxima-se do general de brigada, chefe do estado-maior general.

— General, pode informar Suas Magestades que o lanceiro Griespach, que tanto lhes desagradou, foi ha pouco incorporado nos dragões da Imperatriz, e que o fardamento ainda lhe não foi entregue.

— E não quer tambem que lhe diga que foi Judas que vendeu Christo? Sempre me dá cada novidade!... O lanceiro Griespach ha-de passar em conselho de guerra!

E o general de brigada, chefe do estado maior general, larga as rédeas ao cavallo. Em poucos minutos aproxima-se do general de divisão, commandante em chefe da cavallaria das guardas.

— Meu caro general, pode dizer ao Imperador que o lanceiro está ha pouco tempo no regimento de dragões, e que ainda não recebeu os seus fardamentos.

— Que desculpa!

— E o que se faz do lanceiro Griespach?

— Que o mandem para a companhia de correcção!

E o general de divisão, commandante em chefe da cavallaria das guardas, parte a todo o galope.

— Senhor marechal, diz elle ao commandante em chefe da guarda imperial, o lanceiro...

— Qual lanceiro?

— O marechal sabe perfeitamente... aquelle que o Imperador notou ha uma hora e que tanto lhe desagradou, o lanceiro Griespach...

— E então?

— Pelos modos acabam de o incorporar ha poucos dias nos dragões da Imperatriz, e ainda lhe não deram os fardamentos.

— Ha que seculos que eu o sei! Que o mandem desautorar...

— E o marechal, ao galope, vae ter com o marechal ministro da guerra.

— Meu caro marechal, acabo de saber que o lanceiro...

— Qual lanceiro?

— O lanceiro Griespach,

— Que o fusilem!

— Disseram-me que elle ainda não tinha recebido o seu fardamento; é a razão por que...

— Sua Magestade occupa-se n'este momento da distribuição das medalhas; não sei se deva incommodar-o...

— Fallando a Sua Magestade do lanceiro Griespach, o marechal não faz mais do que executar as suas ordens...

— É exacto.

E o ministro marcha ao triple galope até ao Imperador.

— Sire!

— Que deseja?

— Queria fallar-vos do lanceiro Griespach...

— Pois bem, deem-lhe uma condecoração.

E é depois d'isto que o lanceiro Griespach, oriundo de Colmar, traz a medalha dos bravos que mereceu pelo seu valor!

QUATRELLES.

PARIS

Eil-a! A cidade esplendida e famosa, A princeza da Gallia, o triumphante Empório do universo! Avante! Avante, Oh alma deslumbrada e curiosa:

Entra na multidão lesta e ruidosa, Que inunda as ruas como um mar brilhante; Mergulha as azas n'este sol radiante: Carita! respira! sonha! vive e gosa!

Paris! Paris! Nenhum poder na terra Apagará as cores festejadas D'essa bandeirola que o futuro encerra:

Que importa a inveja e a ira congregadas! Tu resuscitas — a voar — da guerra Como a phenix das cinzas calcinadas!

LUÍZ GUIMARÃES J.

NOTAS E IMPRESSÕES

AMIGOS meus, que discordei com os ministros, pediram-me a minha opinião acerca dos ministros. Ao que eu respondi resolutamente:

No tocante a ministros estou do perfeito accordo com aquella mulher que rezava no templo de Jupiter, em Syracusa, pedindo a conservação dos dias de Diniz o Tyranno.

— Diz-me, boa velha — perguntou-lhe Diniz que a escutava — porque é que rezas por minha intenção, sendo eu tão detestado pelo povo?

— Senhor! O vosso antecessor era bem mau. Ora eu pedi a Jupiter que nos livrasse de semelhante creatura: Jupiter ouviu as minhas preces... e o tyranno foi substituído por vós, que sois ainda peor do que elle! Quem sabe o que virá depois?

ALPHONSE KARR.

O homem honesto em Paris mente dez vezes por dia, a mulher honesta vinte vezes por dia, o homem do mundo cem vezes por dia. Nunca se poudo saber quantas vezes por dia mente uma mulher do mundo.

✱

Uma mulher caza-se para entrar no mundo; um homem para de lá sahir.

✱

Nas salas ha quatro especies de individuos: os namorados, os ambiciosos, os observadores e os imbecis.

Os mais felizes são os imbecis.

H. TAINE.

OPINIÕES DE CALINO

Gosto muito mais da lua que do sol... O sol! o sol! Para que é que serve semelhante prenda? Só apparece de dia! Enquanto que a lua, coitadinha, apparece sempre de noute para nos vir allumiar!

✱

Não sou homem para admittir covardias. Quando escrevo uma carta anonyma... assigno-a sempre!

MAXIMAS D'UM GASTRONOMO

Os animaes pastam; o homem come; só o homem d'espírito sabe comer.

✱

O destino das nações depende do modo como ellas se nutrem.

✱

Diz-me o que tu comes, dir-te hei quem tu és.

✱

A meza é o unico lugar onde ninguem se aborrece durante a primeira hora.

✱

A descoberta d'um novo guisado é mais util ao genero humano que a descoberta d'uma estrella.

✱

Uma sobremesa sem queijo, é uma mulher bonita a quem falta um olho.

✱

A dona de casa deve sempre certificar-se se o café é excellente; e o dono de casa se os vinhos são de primeira qualidade.

BRILLAT-SAVARIN.

A MENTIROSA

Toda a minha vida só amei uma mulher, dizia-nos um dia o pintor D... Não sei com ella cinco annos da mais perfeita felicidade, de alegrias tranquillias e fecundas. Posso dizer que lhe devo a celebridade que hoje tenho, de tal modo a seu lado o trabalho me era facil, a inspiração natural. Quando a vi pela primeira vez figurou-se-me que já a possuía ha muito. A sua belleza, o seu caracter correspondiam a todos os meus sonhos. Esta mulher nunca mais me abandonou; morreu em minha casa, nos meus braços, amando-me. Pois bem! quando penso n'ella, é sempre com coera. Se procuro representá-la tal como a vi durante cinco annos, em todo o deslumbamento do amor, com a sua grande estatura ondulante, a sua palidez dourada os seus traços de judia do Oriente, a sua palaxia lenta, avelludada como o seu olhar, se procuro dar um corpo a esta visão deliciosa e para melhor lhe dizer: *Odeio-te!*...

Chamava-se Clotilde. Na casa amiga onde nos encontramos, era conhecida pelo nome de madame Deloche, e diziam-n'a viúva d'um capitão de navios. Com effeito parecia ter viajado muito. Conversando, dizia ás vezes, repentinamente. *Quando estive na Alexandria...* ou então: *Quando estive em Valparaíso...* Fôra d'isto, nada no seu aspecto, na sua linguagem, deixava perceber a vida nomada, nada trahia a desordem, a precipitação das partidas imprevistas e das bruscas mudanças. Era Parisiense, vestia-se com grande gosto, sem nenhum d'estes excessos de vestuário que deixam adivinhar as mulheres de officiaes e de marinheiros perpetuamente em costume de viagem.

Quando percebi que a amava, a minha primeira, a minha unica ideia foi de a pedir em casamento. Alguém fallou-lhe de mim. Respondou simplesmente que nunca mais se tornava a casar. Evitei então encontrá-la; e como o meu coração estava verdadeiramente ferido, e o meu espirito muito occupado para me permittir o menor trabalho, resolvi ir viajar. Preparava-me para partir quando, uma manhã, na minha propria casa, entre o amontoamento das cousas dispersas e das malas em desordem, vi, com grande espanto, madame Deloche que entrava.

— Porque é que vae partir? disse-me docemente... Porque me ama? Também eu o amo... Sómente (e a sua voz tremia um pouco) sómente sou casada!

E contou-me a sua historia.

Um completo romance d'amor e de abandono. Seu marido embriagava-se, batia-lhe, e separaram-se no fim de trez annos. A sua familia, de que se mostrava muito orgulhosa, occupava uma elevada posição em Paris, mas desde o seu casamento nunca mais a quizeram ver, nem receber. Era sobrinha d'um grande rabbi. Sua irmã, viúva d'um official superior, tinha desposado em segundas nupcias o guarda geral da floresta de Saint-Germain. Ella, arruinada por seu marido, tinha felizmente guardado d'uma educação de primeira ordem, complexa e muito cuidada, apellidos que eram agora o seu unico recurso. Dava lições de piano por casas ricas, e ganhava levemente com que viver.

A historia era tocente, mas um pouco longa, cheia deistias bonitas repetições, d'estes incidentes interminaveis que embriam os discursos femininos. Levou muitos dias a contar-m'a. Alguém, entre ruas silenciosas e relvas tranquillias, uma casa para nós ambos. Teria ali passado um anno a ouvi-la, a admirá-la, sem pensar no trabalho. Foi ella a primeira que me obrigou a ir para o atelier, e não pude impedi-la a que retomasse as suas lições. Esta dignidade da sua existencia, por que mostrava ter tanto cuidado, impressionava-me muitissimo. Admi-

rava esta alma orgulhosa, sentindo-me um pouco humilhado diante da sua vontade formal de nada dever senão ao seu trabalho. Estavamos, portanto, separados todo o dia e reunidos sómente á noite, em nossa casa.

Que feliz que eu entrava, tão impaciente quando ella não tinha ainda chegado e tão alegre quando ella tinha chegado primeiro! Das suas cunhinhadas por Paris trazia-me ramos, flores raras. Muitas vezes quiz obrigá-la a aceitar-me um presente, mas dizia riado, que era mais rico do que eu, e o facto era que as suas ligues deviam-lhe render bastante, porque se vestia sempre com elegancia que custava caro, e o preto de que usava para fazer sobresahir a sua cor e a sua belleza, tinha matas de velludo, bróchos de setim e de jasse, espumas de rendas finas onde o olhar descobria sob uma simplicidade apparente mundos de elegancia feminina nos mil reflexos d'uma só cor.

De resto a sua profissão nada tinha de penoso, dizia. Todas as discipulas, filhas de banqueiros e de jogadores da Bolsa, adoravam-na, respeitavam-na; e por mais d'uma vez me mostrou um bracelete, um anel que lhe tinham dado em signal de gratidão pelas seus serviços. Fora do trabalho, nunca nos separavamos; não iamos a parte alguma. Sómente, ao domingo, partia para Saint-Germain onde ia ver a irmã, a mulher do guarda geral, com quem, havia muito tempo se tinha reconciliado. Acompanhava-a á estação. Voltava n'essa mesma noite, e muitas vezes, nos dias grandes, ia especial-mente n'uma estação do caminho, á borda do rio ou no bosque. Contava-me a sua visita, o estado dos pequeninhos, o ar feliz do ménage. Isto pesava-me por sua causa, privada para sempre d'uma verdadeira familia, e redobrava de ternura, para lhe fazer esquecer esta falsa posição que devia atormentar horrivelmente uma alma como a sua.

Que tempo feliz de trabalho e de confiança! De nada desconfiava. Tudo quanto me dizia tinha em ar tão verdadeiro, tão natural! Só lhe censurava uma coisa. Algumas vezes fallando-me das casas onde ia, das familias das suas discipulas, vinha-lhe uma abundancia de detalhes fantasistas, de terrigas imaginarias que ella inventava fatalmente. Tão serena, via sempre o romance em volta de si, e a sua vida passava-se em combingens dramaticas. Estas chimeras perturbavam a minha felicidade. Eu, que queria afastar-me do resto do mundo para viver encarcerado junto d'ella, encontrava-a muito occupada com cousas indifferentes. Mas podia bem perdoar este senão a uma mulher nova e infeliz, cuja vida tinha sido até all um romance bem triste sem deschocho provavel.

Só uma vez tive uma desconfiança, ou antes, um pressentimento. Um domingo á noite não entrou em casa. Estava inquieto. Que havia de fazer? Ir a Saint-Germain? Podia comprometê-la. Depois d'uma noite horrivel, estava decidido a partir, quando ella entrou toda pallida, toda perturbada... A irmã estava doente. Tinha ficado para tratar d'ella. Acreditei logo que me dissesse sem desconfiar d'essa onda de palavras brandas e mais insignificante pergunta, atendo sempre a ideia principal sob uma multidão de detalhes inúteis, a hora da chegada, um empregado muito descortez, um algarzo do comboio. Duas ou trez vezes na mesma semana tornou a ficar em Saint-Germain; depois, a doença acabou, e ella continuou a sua vida regular e tranquillia.

Infelizmente, passados algum tempo, também cahio doente. Um dia voltou das suas lições, tremula, febril. Declarou-se-lhe um resfriamento, que tomou em poucos dias um aspecto bem grave, e o medico declarou que estava irremediavelmente perdida. Tive uma dor immensa. Depois só pensei em torná-la mais dóceas as ultimas horas que lhe restavam. Esta familia que amava tanto de que era tão gloriosa, hei de trazê-la ao leito da moribunda. Sem nada lhe dizer, escrevi primeiro a sua irmã, para Saint-Germain, e correi a casa d'ella, o grande rabbi. Não sei a que hora

improvisou eu chegar... Certo que o bravo rabbi não preparava-se para jantur. Veio todo assustado e recebeu-me na ante-câmara.

Disse-lhe:

— Ha momentos em que se devem esquecer todos os odios...

Encorou-me, verdadeiramente espantado.

Continuei:

— Sua sobrinha está ás portas da morte... — Minha sobrinha!... Mas não tenho nenhuma sobrinha. O senhor enganou-se.

— Por quem é, peço-lhe que esqueça esses odios de familia... Estou-lhe fallando de madame Deloche, a mulher do capitão...

— Não conheço madame Deloche. O senhor está enganado, affianço-lhe.

E, docemente, encaminhava-me para a porta, tomando-me por um mystificador ou por um doido... O que acabava de ouvir era inesperado, terrivel... Tinha-me mentido... Por quê? De repente accode-me uma ideia. Foi a casa d'uma das suas discipulas em que me fallava sempre, a filha d'um banqueiro muito conhecido.

Pergunto ao criado:

— Madame Deloche?

— Não é aqui.

— Sei perfeitamente... É uma senhora que dá lições de piano ás meninas.

— Nesta casa não ha meninas nem piano... Não sei o que o senhor quer dizer.

E fechou-me a porta na cara com mau modo.

Não fui mais longe nas minhas pesquisas. Estava certo de encontrar por toda a parte a mesma resposta. Quando entrei na nossa pobre casita deram-me uma carta com a mara de Saint-Germain. Abria sabendo já o que ella continha. O guarda geral também não conhecia madame Deloche. E não tinha nem mulher nem filhos.

Foi o ultimo golpe. Assim, durante cinco annos, cada uma das suas palavras tinha sido uma mentira... Mil ideias de ciúme cercaram-me um momento; já perdido, sem saber o que fazia, entrei no quarto onde ella estava prestes a morrer.

Todas as cousas que me atormentavam cahiram de chofre sobre este leito de dor.

— Que tinha que fazer em Saint-Germain todos os domingos?... Em casa de quem passava os dias?... Onde é que ficou n'aquella noite?... Avide, responda-me!

E inclinei-me sobre ella procurando no fundo dos seus olhos ainda atrevidos e bellos as respostas que esperava com angustia; mas conservou-se muda, impassivel.

Recomecei, tremulo de raiva:

— Não dava tal lições? Tenho unido por toda a parte! Ninguém a conhece... D'onde viuha então esse dinheiro, essas rendas, essas joias?

Lançou-me um olhar d'uma tristeza horrivel, e foi tudo... Na verdade devia tê-la poupado, deixá-la morrer em repouso... Mas tinha amado muito. O ciúme era mais forte do que a piedade. Continuei:

— Enganaste-me durante cinco annos. Mentiste-me todos os dias, a todas as horas... Conheces toda a minha vida e eu nada sei da tua! Nada, nem mesmo o teu nome? Porque não te pertence, não é verdade? Este nome de que tu usas... Montiros! mentirosa! Dizer que vae morrer e não sei com que nome a hei de chamar... Então, quem és tu? D'onde vens? Que vistes fazer na minha vida?... Mas falla. Diz alguma coisa!

Baldado esforços! Em vez de me responder voltou tristemente a cabeceira para a parede como receando que o seu ultimo olhar me revelasse o seu segredo... E foi assim que ella morreu, a desgraçada. Mentirosa até ao fim.

ALFONSO D. ALMEIDA

Director: Gervasio de Almeida



A justiça em Sanguêbar. CASTIGO DADO AOS LADRÕES E ASSASSINOS

A ILLUSTRACÃO

REVISTA QUINZENAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

DIRECTOR MARIANO PINA

AGENTE NO BRAZIL

GAZETA DE NOTÍCIAS — Rua do Ouvidor, 70. — RIO DE JANEIRO

AGENTE EM PORTUGAL

DAVID CORAZZI — Rua da Atalaya, 42. — LISBOA

EDIÇÃO PARA PORTUGAL

PREÇO DA ASSIGNATURA

Anno	4.400
Semestre	1.200
Trimestre	800
Avulso	100

EDIÇÃO PARA O BRAZIL

PREÇO DA ASSIGNATURA

Anno (Corte)	12.000
Semestre	6.000
Anno (provincias)	1.000
Avulso	500

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAMENTE

Escheproux, 50, Paris — 7, rue de Parme